

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E A FORMAÇÃO DE LEITORES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO DE CASO

THE STORYTELLING AND THE FORMATION OF READERS IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: A CASE STUDY

Alcione de Oliveira Souza¹
Kelly Cunha Oliveira²

RESUMO: É sabido que a contação de histórias encanta o ouvinte e estimula a imaginação, especialmente quando se trata de crianças. Pensando nisso, este estudo pretende pesquisar se (e como) os professores da educação infantil utilizam essa atividade na formação de leitores e no desenvolvimento da capacidade leitora de seus alunos. Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica consultando autores como Pennac (1993), Abramovich (1995) e Bettelheim (2002). Aplicou-se um questionário a cinco professoras da educação infantil que costumam utilizar essa ferramenta pedagógica em uma escola pública municipal da cidade de Montes Claros, Minas Gerais. Os resultados revelaram que a contação de histórias faz parte do planejamento e da prática das professoras pesquisadas, demonstrando a consciência dessas profissionais sobre a importância da utilização desse tipo de estratégia na formação de leitores desde a mais tenra idade. Dada a relevância dessa prática pedagógica na educação infantil foi possível concluir que a contação de histórias contribui decisivamente para tornar as aulas mais prazerosas e significativas e ampliar a percepção de mundo da criança, tornando-a uma ouvinte e leitora mais crítica, consciente e autônoma.

PALAVRAS-CHAVE: Contação de histórias. Educação Infantil. Formação de leitores.

ABSTRACT: It is known that storytelling enchants the listener and stimulate the imagination, especially when it comes to children. With this in mind, this study intends to research whether (and how) early childhood teachers use this activity in the training of readers and in the development of their students' reading ability. For that, a bibliographic research was carried out, consulting authors such as Pennac (1993), Abramovich (1995) and Bettelheim (2002). A questionnaire was applied to five teachers of early childhood education who usually use this pedagogical tool in a municipal public school in the city of Montes Claros, Minas Gerais. The results revealed that storytelling is part of the planning and practice of the researched teachers, demonstrating the awareness of these professionals about the importance of using this type of strategy in the training of readers from an early age. Given the relevance of this pedagogical practice in early childhood education, it was possible to conclude that storytelling contributes decisively to making classes more enjoyable and meaningful and expanding the child's perception of the world, making him a more critical, conscious and autonomous listener and reader.

KEYWORDS: Storytelling. Early Childhood Education. Formation of readers.

¹ Mestra em Letras pela Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes. Docente das Faculdades Prominas de Montes Claros. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2712840528885930> Orcid: <https://orcid.org/0000-0000-0002-6766-3824>. E-mail: alcionemoreno@yahoo.com.br.

² Pedagoga egressa das Faculdades Prominas de Montes Claros. E-mail: kelly.oliveira97@yahoo.com.br.

Introdução

Sabe-se que a literatura infantil favorece e proporciona a emoção, o encantamento e as descobertas. Trata-se, na concepção de Zilberman (1985), de um elemento propulsor na transformação do leitor comum num leitor crítico e pensante. Para Coelho (1984, p.10), a literatura infantil revela-se como “um fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra, fundindo os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização [...]”. Ou seja, vai além de mais um recurso a ser utilizado para a aquisição de habilidades como a leitura, a escrita e a construção do senso crítico; configura-se também como uma arte, um meio, portanto, de unir encanto e conhecimento.

Na perspectiva de sua relação com a aprendizagem, a literatura infantil tem sido muito utilizada no universo escolar, através de autores como Ruth Rocha, Monteiro Lobato, Ziraldo, Irmãos Grimm, dentre outros. Nesse sentido, Costa e Barganha (1989) apud Mattar (2007), destacam:

A escola não é só responsável pela propagação de conhecimento, como pode subsidiar a formação pessoal de cada ser humano. Os contos podem ser um importante instrumento pedagógico, por ajudar no processo de simbolização, ao mesmo tempo em que alivia pressões inconscientes (COSTA; BARGANHA, 1989 *apud* MATTAR, 2007, p. 35).

Coelho (2000) acrescenta que a literatura, em especial a infantil, tem a tarefa fundamental de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto, devendo ser estimulado pela escola, cuja finalidade, segundo o artigo 29 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) é complementar a ação da família, o que é ratificado no volume 3 do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI): “as histórias se constituem em rica fonte de informação sobre as diversas formas culturais de lidar com as emoções e com as questões éticas, contribuindo na construção da subjetividade e da sensibilidade das crianças” (BRASIL, 1998, p. 143).

Diante dessas considerações preliminares, este estudo investigou se (e como) os professores da educação infantil da rede municipal de ensino da cidade de Montes Claros, Minas Gerais, utiliza a contação de histórias para o desenvolvimento da capacidade leitora de seus alunos.

A importância da contação de histórias na educação infantil

A contação de histórias é uma prática muito antiga que utilizava os contos para transmitir crenças, costumes e repassar conhecimentos adquiridos. Nesse sentido, Coelho (1995) afirma:

Há quem conte histórias para enfatizar mensagens, transmitir conhecimentos, disciplinar, até fazer uma espécie de chantagem – se ficarem quietos, conto uma história, se isso, se aquilo... – quando o inverso que funciona. A história aquieta serena, prende a atenção, informa, socializa, educa (COELHO, 1995, p. 12).

Dessa forma, é possível conjecturar que, ao ler/contar histórias em sala de aula, o professor acaba por estimular os alunos à prática da leitura. E é o que preconiza o volume 2 dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa, quando ressaltam a importância de os textos literários serem incorporados ao dia-a-dia da sala de aula, visto se tratar de uma forma específica de conhecimento (BRASIL, 2006).

Por outro lado, ao escutar histórias, a criança tem seu imaginário aguçado e a curiosidade despertada, favorecendo a narração e ajudando no vocabulário, fato também ratificado pelos documentos oficiais, desta vez no volume 3 do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil quando postula: “a leitura de histórias é uma rica fonte de aprendizagem de novos vocabulários” (BRASIL, 1998, p. 143). Nesse sentido, Abramovich (1995) ressalta:

Como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias. Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser um leitor é um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo (ABRAMOVICH, 1995, p. 16).

E a autora complementa:

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada um deles fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário! (ABRAMOVICH, 1995, p. 17).

Por isso, é de fundamental importância que o professor inclua, no seu planejamento, momentos dedicados à leitura, para não só aguçar, em seus alunos, o gosto por ler, mas transformá-los em leitores, de fato, vivenciando momentos de diversão, interação e aprendizado

por meio da literatura. Leitores, portanto, “por desejo e motivação”, conforme Perrone e Lara (2002, p. 123).

Segundo Abramovich (1995), a criança só tem a ganhar com a contação de histórias:

É através duma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e ser, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo história, geografia, filosofia, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (ABRAMOVICH, 1995, p. 17).

Cumpre salientar a importância de repetir a história contada, já que a criança, a cada contação, observa algo novo, que enriquece seu aprendizado e aguça o desejo de sempre querer mais. Sobre isso, o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil explica:

Quem convive com crianças sabe o quanto elas gostam de escutar a mesma história várias vezes, pelo prazer de reconhecê-la, de apreendê-la em seus detalhes, de cobrar a mesma sequência e de antecipar as emoções que teve da primeira vez. Isso evidencia que a criança que escuta muitas histórias pode construir um saber sobre a linguagem escrita (BRASIL, 1998, vol. 3, p. 143).

Contudo, autores, como Bettelheim (2002) alertam para o fato de que muitos livros infantis costumam ser demasiadamente superficiais, comprometendo a aquisição de algumas habilidades fundamentais, pois não permitem a obtenção de sentidos realmente significantes.

Daí a necessidade, segundo Meireles (1979), de se fazer escolhas conscientes de histórias que contribuam, de fato, para a formação da criança, já que a natureza e a intensidade das emoções transmitidas podem repercutir na vida do pequeno leitor de maneira definitiva.

A importância da contação de histórias na relação professor/aluno

Pennac (1993) salienta que, através da contação de histórias, o professor pode fortalecer ainda mais os laços de afetividade com seus alunos.

Ao contar histórias, o professor estabelece com o aluno um clima de cumplicidade que os remete à época dos antigos contadores que, ao redor do fogo, contavam a uma plateia atenta às histórias, costumes e valores do seu povo. A plateia não se reúne mais em volta do fogo, mas, nas escolas, os contadores de história são os professores, elo entre o aluno e o livro. O ato de contar histórias é próprio do ser humano, e o professor pode apropriar-se dessa característica e transformar a contação em um importantíssimo recurso de formação do leitor (PENNAC, 1993, p. 124).

A contação de histórias desperta a atenção e a escuta das crianças, estimulando a oralidade, uma vez que, “podendo ser feita tanto no ambiente escolar como em ambientes

externos, ajuda a fornecer um repertório rico de práticas de oralidade” (BRASIL, 1998), através das quais as crianças se socializam, constroem conhecimento e organizam pensamentos e experiências.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, a aprendizagem oral possibilita a comunicação de ideias, pensamentos e intenções de diversas naturezas, influencia o outro e estabelece relações interpessoais (BRASIL, 1998). Seu aprendizado acontece dentro de um contexto e quanto mais as crianças falam em situações diferentes, mais desenvolvem suas capacidades comunicativas de maneira significativa, o que se configura como um dos objetivos da educação infantil, como:

Ampliar, integrar e ser continente da fala das crianças em contextos comunicativos para que ela se torne competente como falante. Isso significa que o professor deve ampliar as condições da criança de manter-se no próprio texto falado. Para tanto, deve escutar a fala da criança, deixando-se envolver por ela, ressignificando-a e resgatando-a sempre que necessário (BRASIL,1998, p. 135).

Contudo, para que o momento da contação de história seja realmente significativo e alcance o objetivo esperado tanto pelo professor quanto pela criança, é necessário que se faça um bom planejamento. Assim, não basta incluir os contos nas práticas em sala de aula, de maneira desordenada. A preparação prévia é fundamental, exigindo do professor uma tal intimidade com o conto que evite surpresas indesejáveis no decorrer da leitura. Nesse sentido, Abramovich (1995) alerta:

[...] não se pode fazer isso de qualquer jeito, pegando o primeiro volume que se vê na estante... E aí, no decorrer da leitura, demonstrar que não está familiarizado com uma ou outra palavra (ou com várias), empacar ao pronunciar o nome dum determinado personagem ou lugar, mostrar que não percebeu o jeito como o autor construiu suas frases e ir dando as pausas nos lugares errados, fragmentando um parágrafo porque perdeu o fôlego ou fazendo ponto final quando aquela ideia continuava deslizando, na página ao lado [...] (ABRAMOVICH, 1995, p.18-20).

Ora, é na educação infantil que ocorrem os primeiros contatos da criança com o significado da oralidade e da escrita, quando lhes é apresentado um mundo mágico, de descobertas, reflexões e ensinamentos, trazido pelas histórias infantis. Trata-se, portanto, segundo Meireles (1979), de uma grande oportunidade das escolas em formarem leitores por motivação, e não por obrigação, visto que, quando ouvem uma história com a qual se identificam (ou simplesmente gostam), é muito provável que os alunos a procurem depois também para lê-la.

Por fim, segundo Oliveira (2009, p.15), é fundamental que o professor “goste de Literatura Infantil, que ele se encante com o que lê, pois somente assim poderá transmitir a história com entusiasmo e vibração”, fomentando, assim, o gosto natural pela leitura e suas possibilidades. Afinal, ele é uma referência para o aluno e suas ações e metodologias deve refletir, inevitavelmente, no processo de ensino e aprendizagem, para o bem ou para o mal. Que seja então para o bem!

Metodologia

De natureza aplicada e abordagem qualitativa/descritiva, esta pesquisa possui um caráter exploratório, caracterizando-se como um estudo de caso, já que buscou conhecer a experiência de cinco professoras que atuam em uma escola municipal da cidade de Montes Claros, Minas Gerais, no sentido de verificar se (e como) utilizam a contação de histórias na formação de leitores na educação infantil, bem como no desenvolvimento da capacidade leitora dos alunos.

O estudo de caso foi escolhido por se tratar de um tipo de pesquisa que, segundo Yin (2005, p. 32), “investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, em que as situações são altamente politizadas e onde existem muitos interessados”, contribuindo, assim, para melhorar, no caso desta pesquisa, a prática pedagógica na educação infantil.

Para o devido embasamento teórico, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, consultando-se autores como Pennac (1993), Abramovich (1989; 1995), Coelho (1984; 2000), Bettelheim (2002), dentre outros, que discutem o tema.

Por fim, como instrumento de coleta de dados, foram utilizados questionários semiestruturados, compostos por 13 questões, aplicados aos cinco participantes, no período entre 09/09/2019 e 20/09/2019. As respostas obtidas com a aplicação dos questionários foram analisadas, observando a (des) articulação com o posicionamento dos autores pesquisados.

Resultados

A partir da análise das respostas obtidas nos questionários aplicados, foi possível, além de conhecer o perfil das participantes da pesquisa, verificar como a estratégia pedagógica “contação de histórias”, é utilizada por elas tanto na formação de leitores como no desenvolvimento da capacidade leitora de seus alunos.

Assim, segundo os dados coletados, todas as professoras pesquisadas são do sexo feminino, com idade superior a 30 anos de idade. A maioria delas (quatro das cinco abordadas), situam-se na faixa etária acima dos 40 anos, o que sinaliza a maturidade e a experiência do corpo docente da instituição investigada. Além disso, todas as participantes da pesquisa possuem formação no nível superior, sendo uma com graduação em Pedagogia e quatro com formação em Normal Superior. Em relação à formação continuada, apenas duas não fizeram pós-graduação. Três delas possuem cursos de especialização em Psicopedagogia, com ênfase em Educação Inclusiva.

Questionadas sobre o gosto pela leitura, todas afirmaram que possuem o hábito de ler e que o consideram importante. No entanto, nenhuma participante relacionou essa atividade diretamente ao trabalho que desempenham. Três delas declararam que leem com o propósito de absorver conhecimentos em geral, como forma de contribuir na “formação do indivíduo” e/ou como maneira de entretenimento, fruição e/ou lazer.

Conforme Oliveira (2009, p. 15), é fundamental que o professor “goste de Literatura Infantil, que ele se encante com o que lê, pois somente assim poderá transmitir a história com entusiasmo e vibração”. Ou seja, o professor deve gostar de ler e ter essa prática como uma constante em sua vida, pois, para formar leitores, é preciso ser um. Gostar de ouvir e de contar histórias também pode ajudar nesse processo, enfim, amar o que faz. Mas, acima de tudo, ter consciência das contribuições que as histórias podem trazer para a formação humana das crianças.

Quanto ao uso da estratégia “contação de histórias” em sala de aula a fim de promover o desenvolvimento da capacidade leitora dos alunos, perguntou-se às professoras se elas costumam utilizá-la e com que frequência essa estratégia é utilizada. Todas disseram que sim, já que consta no Projeto Político-pedagógico (PPP) da escola um projeto permanente referente ao “dia da história coletiva”, que acontece durante todo o ano letivo, envolvendo todos os alunos da escola.

Segundo o projeto supracitado, as professoras reúnem os alunos, sempre às sextas-feiras, para contarem histórias, alternando o ambiente onde a contação de histórias acontece: pátio e sala de aula. Dessa forma, é feito um rodízio entre as professoras, para que, a cada semana, uma delas conte uma história.

O momento de contação de histórias geralmente tem início cantando-se uma música para que as crianças se organizem e fiquem atentas, sabendo que a história vai começar. A partir de então, a professora responsável pela semana conta a história utilizando ilustrações e dando oportunidade, ao final, para algum aluno (que manifeste interesse) fazer o relato.

A prática de variar o ambiente onde são contadas as histórias vai ao encontro do que preconiza o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil no sentido de que ajuda a promover “um repertório rico de práticas de oralidade” para as crianças (BRASIL, 1998, p. 135).

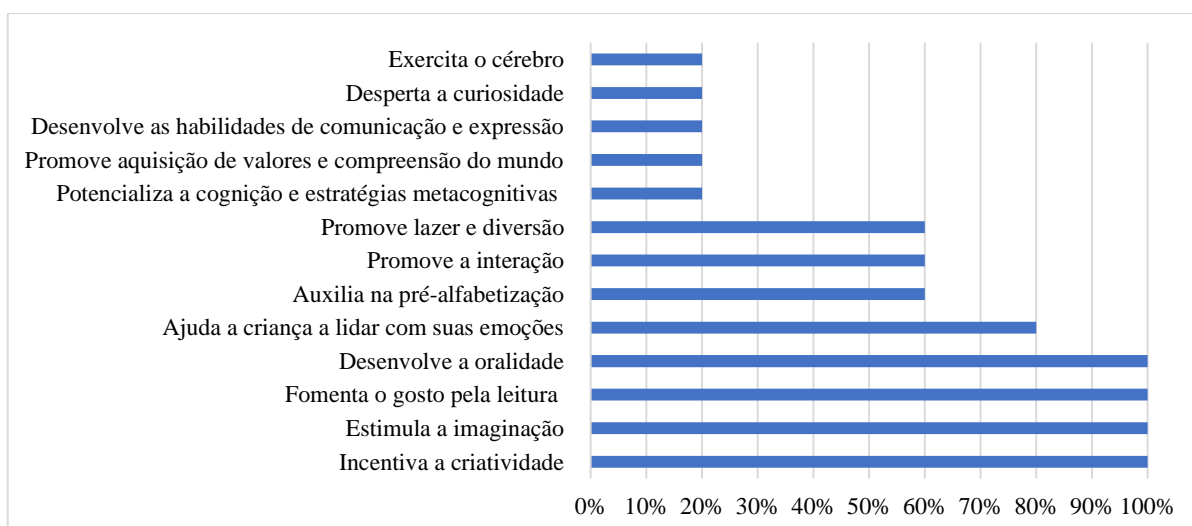
Além desse dia coletivo de contação de histórias semanal, as professoras afirmaram também que costumam contar histórias em sala de aula, apenas para suas respectivas turmas. E, no que se refere à frequência, duas afirmaram utilizar a estratégia uma vez por semana, duas em dias intercalados, e uma das participantes conta histórias apenas uma vez por mês.

Essas informações revelam a preocupação da escola e dos professores, com o desenvolvimento natural da capacidade leitora de seus alunos, pois muitos estudos comprovam a influência da estratégia de contação de histórias na formação de leitores, assim como pontua Perrone e Lara (2002):

Como é gostoso e importante para a formação da criança ouvir histórias. Ao contá-las, instigamos a curiosidade e o desejo de ‘quero mais’, expresso pelas crianças no ‘conta outra vez’. São esses sentimentos que nos movem para conhecer e aprender as coisas que estão no mundo, e, sabendo-as registradas em livros, certamente iremos recorrer a eles, nos tornando, assim, leitores por desejo e motivação (PERRONE; LARA, 2002, p. 123).

Questionou-se também a opinião das professoras em relação à influência da prática da contação de histórias na aprendizagem dos alunos. As professoras foram unânimes em afirmar que a influência é positiva. A partir disso, foram convidadas a elencar as principais contribuições dessa prática, gerando os resultados representados no Gráfico 1, a seguir.

Gráfico 1 – Contribuições da contação de história para a formação da criança



Fonte: Das autoras (2019).

Analisando o Gráfico 1, é possível perceber que apenas quatro contribuições foram citadas por todas as participantes, a saber: desenvolvimento da oralidade e do gosto pela leitura, além do estímulo à imaginação e incentivo à criatividade.

Em segundo lugar, citada por quatro das participantes, aparece a contribuição “ajuda a criança a lidar com suas emoções”, seguida das contribuições “promoção de lazer e diversão”, “promoção da interação”, e do “auxílio na pré-alfabetização”, indicados por três das professoras.

Apenas uma participante da pesquisa citou também como contribuições da contação de história para a formação da criança: “exercita o cérebro”, “desperta a curiosidade”, “desenvolve as habilidades de comunicação e expressão”, “promove a aquisição de valores e compreensão do mundo”, “potencializa a capacidade cognitiva e auxilia no desenvolvimento de estratégias metacognitivas³.

Por fim, todas as professoras disseram incluir a prática da contação de histórias em seus planejamentos.

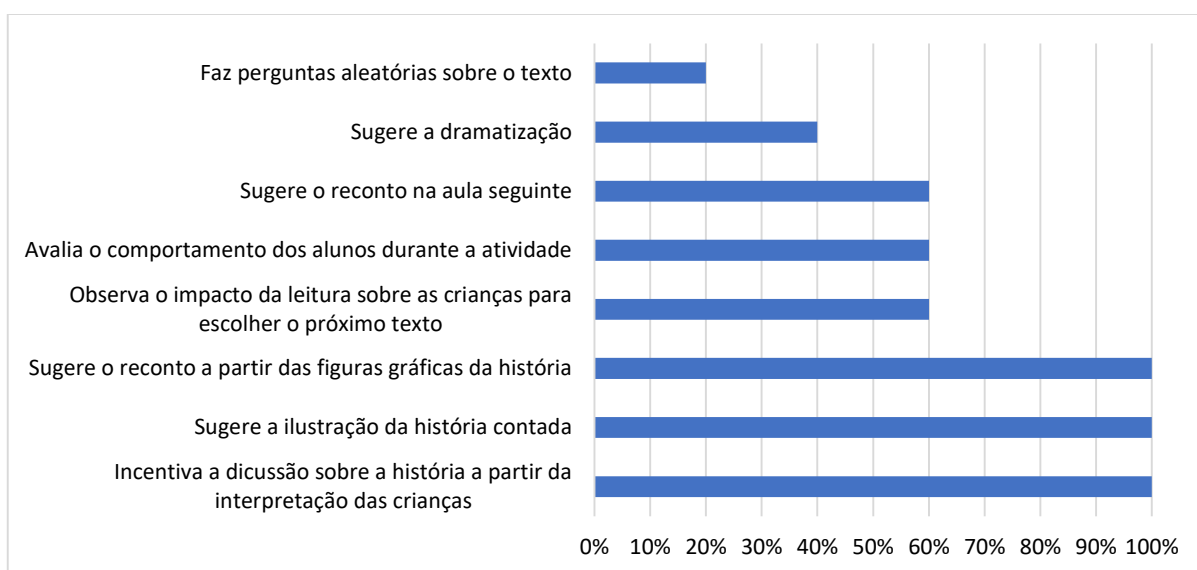
Considerando que é na educação infantil que ocorrem os primeiros contatos da criança com o significado da oralidade e da escrita, apresentados através de um mundo mágico, de descobertas, reflexões e ensinamentos trazidos pela literatura infantil, o improvisado não é interessante. Nesse sentido, os dados acima revelam que, de fato, a contação de histórias pode trazer inúmeros benefícios na formação humana das crianças. Essa assertiva é corroborada por Bettelheim (2002), que avalia:

A vida é com frequência desconcertante para a criança, ela necessita mais ainda que lhe seja dada a oportunidade de entender a si própria nesse mundo complexo com o qual deve aprender a lidar. Para que possa fazê-lo, precisa que a ajudem a dar um sentido coerente ao seu turbilhão de sentimentos. Necessita de ideias sobre como colocar ordem na sua casa interior, e com base nisso poder criar ordem na sua vida (BETTELHEIM, 2002, p. 13).

Em relação ao que acontece na sequência da contação de histórias, o Gráfico 2, a seguir, traz as atividades que costumam ser propostas pelas professoras.

³ Segundo Cosme e Trindade (2001, p. 13), “os processos metacognitivos coordenam as aptidões cognitivas envolvidas na memória, leitura e compreensão de textos, sendo a escola e os professores responsáveis por estimular os alunos a apropriarem-se e a construírem, de uma forma progressiva, o seu patrimônio pessoal de metaconhecimentos, ou seja, sobre o modo como se adquire, gere, utiliza e alarga o seu campo de saberes”.

Gráfico 2 – Atividades propostas após a contação de histórias



Fonte: Das autoras (2019).

Conforme o Gráfico 2, todas as professoras costumam incentivar a discussão sobre a história contada a partir das interpretações das crianças, além de sugerirem a ilustração do texto e o reconto através das figuras.

Apenas três das participantes disseram que costumam avaliar o comportamento dos alunos durante a atividade, além de observar o impacto da leitura sobre as crianças no sentido de escolherem a próxima história e sugerir o reconto na aula seguinte.

Duas professoras costumam propor, ainda, a dramatização da história e somente uma afirmou fazer perguntas aleatórias sobre o texto após a contação da história.

O momento da contação de história deve ser leve e de muito aprendizado, para que seja possível ao aluno mergulhar na história e se encantar por ela. Segundo Pennac (1993), é importante deixar a criança à vontade, inclusive para interromper, devendo tais manifestações serem vistas, pelo professor, como oportunidades de conduzir seus alunos para os ensinamentos planejados, dando-lhes um aspecto natural e motivador. O que deve servir, ainda, para reforçar os laços de afetividade e cumplicidade entre professor e alunos em sala de aula.

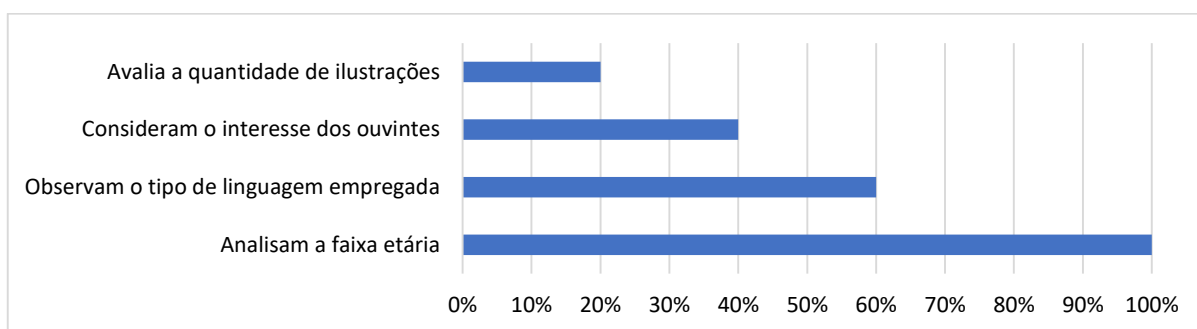
Sobre a possibilidade e aceitação de intervenções durante a contação de histórias, apenas uma professora admitiu que só permite que os alunos se manifestem após o fim da contação. As outras participantes relataram o contrário, pois costumam não só permitir como incentivar tais manifestações, seja lançando perguntas sobre o comportamento dos personagens, tais como “o que ele fez foi correto?” ou “o que ele deveria ter feito?” e/ou hipóteses a respeito dele: “e se ele tivesse feito isso, seria melhor?”. A ideia, segundo as professoras, é deixar as

crianças à vontade para interagirem com as histórias, refletindo sobre elas e exteriorizando seus sentimentos e emoções.

É importante que, durante a leitura/contação, o professor possibilite a participação da criança através de indagações e questionamentos sobre o conteúdo da história, bem como proporcione situações em que os alunos possam falar de suas experiências reais e das expectativas acerca dos acontecimentos da história para, assim, reconhecerem-se como integrantes do processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, Abramovich (1995, p. 21) acrescenta: “[...] é bom evitar as descrições imensas e cheias de detalhes, deixando o campo mais aberto para o imaginário da criança”.

No que se refere aos critérios utilizados na escolha das histórias que serão contadas, o Gráfico 3, a seguir, apresenta as respostas dadas pelas professoras.

Gráfico 3 – Critérios para a escolha das histórias a serem contadas



Fonte: Das autoras (2019).

A partir da análise do Gráfico 3, é possível observar que todas as professoras costumam considerar a faixa etária das crianças na hora de escolher as histórias que serão contadas, mas apenas três também consideram o tipo de linguagem empregada, enquanto duas observam, ainda, o interesse dos ouvintes; e uma, a quantidade de ilustrações.

Sobre a escolha da história a ser contada, Abramovich (1995) lembra que

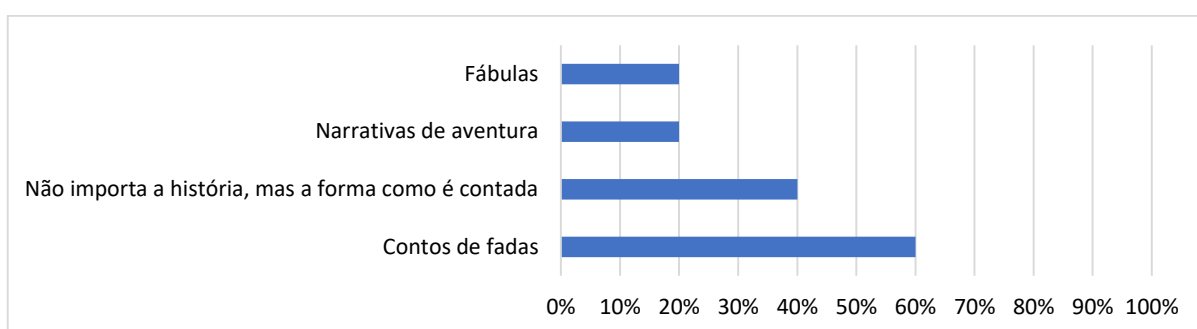
o critério de seleção é do narrador...[...]. Claro que se pode contar qualquer história à criança[...]. Qualquer uma, desde que ela seja bem conhecida do contador, escolhida porque a ache particularmente bela ou boa, porque tenha uma boa trama, porque seja divertida ou inesperada ou porque dê margem pra alguma discussão que pretende que aconteça, ou porque acalma uma aflição [...] (ABRAMOVICH, 1995, p. 20).

Os critérios de escolha das histórias são muito importantes, conforme autores como Meireles (1979) e Bettelheim (2002), que alertam para o prejuízo de se contar histórias muito superficiais e não considerar o fato de que a natureza e a intensidade das emoções transmitidas

podem repercutir na vida do pequeno leitor de maneira definitiva. Assim, além da faixa etária e da linguagem empregada, é interessante considerar também as condições socioeconômicas dos alunos e da comunidade onde eles vivem. O que pode não ser uma tarefa fácil para o professor, que precisa conhecer bem seus alunos, além de dispor de tempo suficiente para fazer uma escolha realmente consciente de suas contribuições na formação humana dos ouvintes.

Foi perguntado, ainda, sobre a natureza das histórias que mais provocavam o interesse dos alunos, conforme o Gráfico 4, a seguir.

Gráfico 4 – Tipos de histórias que mais provocam o interesse dos alunos



Fonte: Das autoras (2019).

Nesse sentido, três professoras apontaram o conto de fadas como o tipo de história que mais agrada aos alunos, enquanto as narrativas de aventura e as fábulas foram indicadas por uma professora cada. As outras duas professoras foram veementes ao afirmarem que não importa o tipo de história, mas a forma como é contada.

Os dados corroboram Coelho (1995), quando diz que existem histórias destinadas a cada faixa etária. Ou seja, numa primeira fase, a criança precisa de experiências com a fantasia, em que são mais atraentes histórias de repetição e acumulativas, contos de fada, etc. É a fase do “conte outra vez”, em que a criança solicita que a mesma história seja contada várias vezes, pois há um novo encantamento e uma possível identificação com outros personagens.

Nesse sentido, Bettelheim (2002) explica o quão saudável pode ser para a criança se deparar, na história que está sendo contada, com alguma situação vivenciada por ela. Segundo o autor, essa experiência pode ajudar o aluno na busca pela superação de seus anseios, através daquela identificação. Entretanto, o autor atenta para a importância dos questionamentos, das conversas e das instruções sobre as percepções manifestadas pelos alunos, considerando que nem tudo tem um final feliz.

Por fim, foi questionado sobre o perfil do bom contador de histórias, ou seja, na opinião das professoras, quais seriam as habilidades ou características que o educador deveria

apresentar para ser ou se tornar um bom contador de histórias. Todas destacaram que o professor precisa, sobretudo, gostar de ler e ter muita criatividade para desenvolver a capacidade leitora de seus alunos. A paciência, por sua vez, foi apontada por três professoras, a fluência na leitura e a boa dicção da professora foram indicadas por três participantes e, gostar de crianças, foi a resposta dada por quatro professoras.

Os dados revelam a importância de o professor contar as histórias com emoção e entusiasmo, sentindo e vivendo a história, o que é reforçado por Abramovich (1995):

Para contar uma história – seja qual for – é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes... Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras... Contar histórias é uma arte... e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declaração ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz (ABRAMOVICH, 1995, p. 18).

Assim, com base na análise das respostas obtidas, foi possível perceber que a contação de histórias faz parte do planejamento das professoras e que, portanto, elas têm consciência da importância da utilização desse tipo de estratégia na formação de leitores e no desenvolvimento da aprendizagem da criança.

Considerações finais

A partir dos resultados alcançados neste estudo, foi possível constatar que a contação de histórias faz parte do planejamento das professoras de educação infantil pesquisadas, o que demonstra a consciência dessas profissionais sobre a importância da utilização desse tipo de estratégia no desenvolvimento da capacidade leitora dos alunos, especialmente na formação de leitores por motivação e não “por obrigação”.

Foi possível verificar também a importância da escolha da história a ser lida, levando em conta a faixa etária de cada aluno, seus interesses e nível de aprendizagem, bem como a necessidade de o professor gostar de ler e compreender bem a história antes mesmo de ler para seus alunos.

Dessa forma, conclui-se pela relevância dessa prática pedagógica na educação infantil, uma vez que contribui para ampliar a percepção de mundo da criança, já que, por meio da história, costuma vivenciar diferentes conflitos e emoções como alegria, medo, tristeza, ansiedade, etc., aprendendo, assim, a lidar com seus próprios sentimentos, tornando-se ouvintes (e leitores) mais críticos, conscientes e autônomos.

Espera-se, por fim, contribuir para a formação dos futuros profissionais da educação infantil, na medida em que se comprova uma relação estreita entre a contação de histórias e o processo de ensino e aprendizagem aplicado no dia a dia escolar, através de aulas mais significativas e prazerosas.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5.ed. São Paulo: Scipione, 1995. 174 p.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. 448 p.

BRASIL. [Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996)]. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. 58 p.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. 269 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>. Acesso em: 20 set. 2019.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclo. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**, 1998.

COELHO, Nelly Novaes. **A Literatura Infantil**. 3. ed. São Paulo: Quíron, 1984. 199 p.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000. 287 p.

COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1995. 78 p.

COSME, Ariana; TRINDADE, Rui. **Área de estudo acompanhado: O essencial para ensinar e aprender**. Porto: Edições Asa, 2001. 119 p.

MATTAR, Regina Ribeiro. **Os contos de fadas e suas implicações na infância**. Orientadora: Maria do Carmo Monteiro Kobayashi. 2007. 43 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Ciências, UNESP, Bauru, 2007. Disponível em: <https://docplayer.com.br/176214-Os-contos-de-fadas-e-suas-implicacoes-na-infancia.html>. Acesso em: 22 set. de 2019.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. São Paulo: Summus, 1979. 117 p.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. **Dinâmicas em literatura infantil**. São Paulo: Paulinas, 2009. 48 p.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. 184 p.

PERRONE, Ercília; LARA, Maria Lúcia Martins Pinto. Era uma vez... *In*: SOUZA, Regina Célia; BORGES, Maria Fernanda S. Tognozzi (Orgs.). **A práxis na formação de educadores infantis**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. 128 p.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Tradução Cristhian Matheus Herrera. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015. 290 p.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 4. ed. São Paulo: Global, 1985. 240 p.